

O Tempo do Autoencontro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**Rossandro
Klinjey**

O Tempo do Autoencontro

Como fortalecer-se em tempos difíceis
e vencer os desertos da vida



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Rossandro Klinjey, 2020

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020

Direitos desta edição negociados pela Authoria Agência Literária & Studio.
Todos os direitos reservados.

Revisão: Carmen T. S. Costa, Fernanda Guerriero Antunes e Andréa Bruno

Diagramação: Bianca Galante, Maria Beatriz Rosa e Vivian Oliveira

Capa e ilustração: Filipa Damião Pinto | Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Klinjey, Rossandro

O tempo do autoencontro : como fortalecer-se em tempos
difíceis e vencer os desertos da vida / Rossandro Klinjey. -- São
Paulo : Planeta, 2020.

208 p.

ISBN 978-65-5535-062-3

1. Autoconhecimento 2. Perseverança 3. Vida espiritual 4.
Epidemias I. Título

20-2001

CDD 158.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Perseverança e autoconhecimento

2020

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

ESTOU NO
DESERTO.
E AGORA?

SE EXISTE ALGO DE QUE REALMENTE PRECISAMOS É
DE UM SENTIDO MAIS TRANSCENDENTE PARA A VIDA.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

O deserto é o lugar da falta, onde tudo é, no mínimo, escasso. Não temos proteção, paredes, lugar para escorar a cabeça, sombra para repousar. O deserto nos lembra da solidão/do abandono de José, do poema de Carlos Drummond de Andrade. Por isso, permito-me agora, sem nenhuma pretensão de crítico literário, analisar, à luz da condição psicológica que o deserto nos arroja, alguns trechos do poema de Drummond.

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José? [...]
você que é sem nome,
e agora, José?³

Sim, quando a festa acaba e a luz se apaga, todos somem. Afinal, muitos nela estão não pelo que somos, mas pelo que temos ou simulamos ter. Estão pelo que oferecemos ou ao menos criamos a expectativa de realizar. Sem essas coisas, essas fantasias, sem o personagem que montamos, editamos e expomos nas redes sociais, nosso nome, para muitos, e até mesmo para nós, não nos define, perde o sentido, deixa de existir. Um nome que não nomeia e, quando pronunciado, parece um “címalo que retine”,⁴ ou seja, cujo som não tem significado nem harmonia. Por isso, o que fizemos e sentimos, cujo nome nos definia, fica em suspenso, sem sentido. Então, a pergunta é esta: e agora?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

Uma esposa ou esposo (companheiro ou companheira) suporta conosco muitos momentos difíceis na vida, tornando mais leve o caminhar. Mas nem ela nem ele podem se aventurar conosco na solidão do deserto. Eis o motivo de José – ou qualquer um de nós – viver em muitos momentos o deserto, mesmo na companhia de outras pessoas. Às vezes, quando estamos sós, resmungamos, falamos alto para afastar o fantasma do isolamento. Contamos histórias para nós mesmos, tentando nos convencer, nos conformar, nos enganar, mas todo discurso perde o sentido, seja o discurso da culpa, seja o da desculpa.

Sem ter o que dizer, sem utopias para crer, com nossos heróis “mortos por overdose”, como dizia Cazuzu, ou mesmo nenhum afago para receber, não ouvimos nenhuma outra voz humana, nem mesmo um riso. Buscamos uma saída, um bonde que nos tire de lá, do frio congelante da solidão, de uma noite que não cansa de escurecer, não prenunciando nenhuma forma de amanhecer, nenhum raio de luz de esperança; todavia, não existe estação, nem parada, nem *ticket* de salvação. Então, tudo se esvai, acaba-se, foge e mofa. Mofa por ser coisa velha. Era o “empurrar com a barriga” insustentável; era a zona de conforto paralisante, o procrastinar incessante que não dava mais para levar. Por isso, e agora?

E agora, José?

Sua doce palavra,

seu instante de febre,
sua gula e jejum, [...]
sua incoerência,
seu ódio – e agora?

Embora a ambivalência nos constitua como pessoa, por mais insanos e febris que sejam nossos esforços, não vamos conseguir conciliar o inconciliável, apesar de nossa gula nos fazer tentar repetidas vezes esse acordo.

Por isso buscamos a Deus e a Mamom,⁵ como se fosse possível. Queremos a paz dos templos religiosos e o frenesi consumista dos shopping centers. A fraternidade de nossa espiritualidade de fim de semana e a competição irascível do dia a dia do mundo do trabalho, em que a ética é só um discurso, uma placa de intenções. Contudo, chega um momento em que não dá mais para nos enganarmos. A incoerência e o ódio se encontram numa autojustificativa cíclica, que é quebrada pelo advento do deserto. Como nesse lugar não há mais ninguém para acusar, para odiar, competir ou mesmo para ludibriar com as incoerências de quem diz uma coisa e faz outra, chegamos a um beco sem saída. Sem ter a quem enganar e a quem acusar, todos os dedos apontam para nós mesmos. Então, e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,

não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Sabe aquela chave que sempre abriu portas e que, como um paradigma pessoal autoexplicativo, dava sentido, respondia e oferecia solução para tudo? Pois é, no deserto ela simplesmente já não serve mais; já não abre as portas das novas experiências que exigem novas chaves, novas saídas. Sem saída, sem atalho, nem a morte (desistir) é uma opção, pois até a chave da fuga não funciona mais, até mesmo o mar das ilusões que alimentávamos sobre nós mesmos e sobre o mundo secou. Não adianta também recuar. Ao entrar no deserto, não podemos voltar atrás, só seguir em frente, pois Minas já não há mais, não há, enfim, nenhum lugar para o qual voltar. Tudo está em suspenso neste lugar, o lugar do “nada”, do “ninguém”. Não podemos voltar simplesmente porque ainda não alcançamos a lucidez, não chegamos ao fundo do poço para entender o valor da jornada e do que tínhamos. Só nessa condição, qual o filho pródigo, podemos voltar à casa do Pai, maduros e cheios de novas respostas.

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Nem grito de socorro nem gemido de dor serão ouvidos. Aquela música que sempre nos acalmou, aquele sono que sempre nos fez repousar ou aquele trabalho justo que nos cansou não poderão ser experiências sentidas ou que façam sentido. Nem a morte mais faz sentido, pois, no deserto, em vários momentos, há tanta falta de sentido que pensamos estar mortos, sem poder morrer. Descobrimos aí um início da resposta, pois somos mais resistentes do que imaginávamos, somos duros. Descobrimos parte da doce ironia do deserto, pois nele somos fortalecidos pela falta, somos saciados pela seca, somos ressignificados pela ausência, somos reabastecidos pela escassez.

Sozinho no escuro
qual bicho do mato,

sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

No breu, onde nem mesmo uma estrela surge para nos guiar, perdemos até os últimos vestígios de nossa humanidade e nos embrutecemos com um bicho. Parece até que nossas concepções de Deus se esvaem. Aquele Deus personalizado, que customizamos para atender a nossos caprichos, prova toda sua inconsistência. Não há nem mesmo uma parede que possa circunscrever um ambiente mínimo, diminuindo a sensação de vazio. Aí temos um outro ganho no deserto, pois desenvolvemos uma profunda empatia com Rabi da Galileia, pois somos levados, por uma experiência viva, a sentir um pouco da experiência do Cristo, a nos dizer: “As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça” (Mateus 8:20).

Sem paredes, ou seja, sem as referências que circunscrevem nosso pequeno mundo, delimitando as fronteiras entre

nós e os outros, perdemos as referências do ego e do lugar, da tribo, da identidade em separado, que se julga melhor que os demais. Aqui temos, ao perder, um ganho incalculável. Perdemos a casa, as paredes, a família, a tribo, para ganhar o universo de toda a criação da qual somos herdeiros, na construção de nossa identidade de filhos de Deus e irmão de todos os outros filhos do Pai.

Ao entrar no deserto não podemos voltar ao mundo infantil que nos caracterizava e que, embora tenha cumprido seu papel, nos apequenava, e é nesse sentido que a experiência do deserto é um rito de passagem no qual, ao final dessa jornada, deixaremos as coisas de criança, pois elas não serão mais convenientes (1 Coríntios 13).

No deserto, até Deus parece ausente, sem nos responder às inúmeras súplicas, aos gritos de desalento. Desse modo, num primeiro momento, sentimo-nos sós e vulneráveis. Tão visceralmente desprotegidos que parecemos ter como companhia apenas o medo e a desesperança sem fim.

Como experiência inevitável, o deserto pode assumir várias formas, de modo que, mesmo cercado de tudo e de todos, podemos estar no deserto de um luto, de uma depressão, de uma decepção amorosa, da tentativa de se reposicionar no mercado de trabalho e começar tudo do zero, enfim, num sem-número de possibilidades emocionais pelas quais já pas

samos e/ou ainda passaremos, mas, certamente, se não nos destruirmos no processo, se formos resilientes e adotarmos a postura de protagonistas, e não de vítimas, sairemos desses desertos cada vez mais fortalecidos.